



INTELIGÊNCIA HUMANA: A BASE PARA O USO FUNCIONAL DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Camile Costa
Josiane Barbieri

Linha temática – Algoritmo x criatividade: como “furar a bolha” do algoritmo para ser contínua proposta de solução criativa para o contexto social.

Resumo: O trabalho tem como temática a comparação entre inteligência humana e inteligência artificial, com o objetivo de propor a utilização da inteligência artificial de maneira útil e funcional à criatividade humana, ao invés de em sua substituição. O tema é proposto diante da atual realidade “onlife”, na qual online e offline se mesclam, produzindo um ambiente em que a informação transita entre humanos e máquinas, na chamada “infosfera”. O estímulo ao estudo se origina dos constantes e contrapostos alertas que trazem, de um lado, o receio quanto ao risco de substituição do humano pela máquina e, de outro, a constatação de que tal risco inexistente. Neste contexto, urge aprofundar o entendimento sobre as semelhanças, diferenças e intersecções entre as duas inteligências: humana e artificial. O objetivo é identificar os mitos e os fatos que compõem esse cenário e, com isso, viabilizar o uso consciente e responsável da ferramenta. Além da revisão teórica sobre o tema proposto, o estudo se vale de apontamentos obtidos da própria inteligência artificial, a fim de visualizar a abordagem trazida pela ferramenta a respeito da temática.

Palavras-chave: Realidade Onlife; Infosfera; Inteligência Artificial; Inteligência Humana.

1. INTRODUÇÃO

O tema do trabalho consiste na comparação entre a inteligência humana e artificial, com o objetivo geral de propor o uso consciente e responsável da inteligência artificial como ferramenta para complementar, e não substituir, a criatividade humana. Para tanto, o estudo busca identificar como o humano e a máquina produzem conhecimento, isto é, como interagem com a realidade e elaboram sínteses a partir dessa interação. O problema proposto, nesta linha, será: “Em que medida o entendimento do funcionamento da inteligência humana e da inteligência artificial pode auxiliar o humano a fazer uso da inteligência artificial com lucidez e responsabilidade, sem se deixar ser objetificado por ela?”

Os objetivos específicos consistem em analisar o que é e como ocorre a inteligência humana, tal como prevista pela natureza, para então analisar no que consiste e como funciona a inteligência artificial. Com isso, se poderá comparar como o humano e a máquina assimilam o real e constroem o conhecimento, para então se identificar o uso ótimo que o humano pode fazer da inteligência artificial, isto é, como usá-la para melhorar a própria performance em vez de perder performance por usá-la. Em outras palavras, como torná-la uma ferramenta para a própria criatividade, ao invés de perder a criatividade justamente por utilizá-la.

A justificativa do estudo se dá em função das evidências atuais de um aumento exponencial no uso da inteligência artificial, sem que se tenha clareza sobre seu funcionamento e, portanto, sobre o melhor uso a se fazer dela. Ao contrário, paira o receio de que esta tecnologia possa substituir o humano. Esse fato se potencializa na medida em que a utilização desta ferramenta transcende o uso por empresas e em soluções tecnológicas, como automação de processos e análises preditivas, e chega a uma utilização “na ponta”, isto é, por qualquer pessoa com acesso à internet e interesse em se valer desta ferramenta, como se vê na massificação do uso dos chamados chatbots, baseados na inteligência artificial generativa.

Diante deste cenário, o estudo se propõe a posicionar a possibilidade de um uso consciente e responsável da inteligência artificial, que mantenha o protagonismo humano e não substitua o seu potencial criativo.

2. MÉTODO

O trabalho possui como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre a temática estudada, juntamente à pesquisa empírica realizada com ferramenta de inteligência artificial, a saber, o Chat GPT 4.0, a fim de possibilitar um comparativo entre as reflexões encontradas na bibliografia pesquisada e o entendimento expresso pela referida ferramenta sobre o tema.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação do estudo é realizada em dois tópicos, sendo o primeiro uma síntese inicial, a título de contextualização a respeito do cenário tecnológico atual e dos seus impactos na forma de conceber a natureza humana. O segundo tópico abordará as semelhanças, diferenças e interconexões entre a inteligência no humano e na máquina, com o objetivo de estimular reflexões sobre as situações e cenários em que o uso da inteligência artificial pode de fato ser útil e funcional à identidade humana. Ou seja, verificar se a IA pode auxiliar o humano naquilo que ele busca, sem tolher-lhe o protagonismo e eliminar-lhe a responsabilidade.

2.1. Síntese inicial: uma contextualização

Atualmente, vive-se na “*infosfera*” e em uma realidade “*onlife*”. Tais expressões foram cunhadas por Floridi (2014) ao tratar da quarta revolução – após a primeira por Copérnico, colocando o homem no centro do universo; a segunda por Darwin, explanando a evolução das espécies; e a terceira por Freud, apresentando o inconsciente. A quarta revolução, por sua vez, teria descortinado a natureza informacional intrínseca da identidade humana, que interage com outros organismos, biológicos ou virtuais, mas igualmente constituídos de e por informação. Este ambiente informacional, em que transitam processos, serviços, entidades e agentes informacionais, é o que o autor nomeia de *infosfera*.

Neste cenário, o mundo é digital (Castells, 2010) e os humanos são vistos como *infovíduos*, isto é, organismos informacionais (Floridi, 2014). A história, por sua vez, se torna “*hiper história*”, na qual o bem-estar individual e social dependem das tecnologias da informação e comunicação – as TICs ou ICTs, de forma que indivíduos e sociedade podem ter sua integridade ameaçada por um ataque cibernético (Floridi, 2014) ou por falhas de serviços digitais (Weston, 2024; Crowdstrike, 2024).

Assim, online e offline se integram e a vida passa a acontecer dentro de um contexto intrinsecamente híbrido, isto é, *onlife*, em que a informação navega quase que de forma instantânea e as noções de tempo e espaço podem ser relativizadas (Floridi, 2022). Exemplos desta relativização podem ser vistos quando se ouve uma aula de 1 hora em 30 minutos, ao colocar-se na velocidade 2x, ou quando se participa de uma reunião por chamada de vídeo, em que cada participante está em um local físico diferente e, ao mesmo tempo, todos estão juntos no ambiente virtual. Outro exemplo é visto em recente pesquisa segundo a qual, dentre os respondentes, 99% dos jovens brasileiros entre 17 e 18 anos utilizam *smartphone* (McAfee, 2022), demonstrando como a tecnologia está intrinsecamente presente no cotidiano.

Nesta realidade *onlife*, “os artefatos deixaram de ser meras máquinas, simplesmente operando de acordo com instruções humanas, e passaram a poder alterar estados de maneiras autônomas e fazê-lo explorando a riqueza de dados que cresce exponencialmente [...]” (Floridi, 2015). Esta riqueza de dados se dá em função da interação feita com a tecnologia que compõe tais artefatos e da leitura que tal tecnologia faz das informações recebidas na interação. Um exemplo seria a utiliza-

ção de celulares (artefatos) para acessar redes sociais ou sites de internet (que funcionam por meio de diferentes tecnologias), e, com isso, rastrear os posts, conteúdos e páginas de maior interesse do usuário (riqueza de dados), de forma a visualizar suas preferências e poder sugerir itens semelhantes e correspondentes. Ou então os eletrodomésticos autônomos, que mediante a leitura das informações do ambiente, alteram o estado do local, por exemplo, limpando-o.

É nesta seara que entra a inteligência artificial, uma vez que ela será justamente a tecnologia por trás da tecnologia de tais artefatos, consistindo no que Floridi (2022) chamou de terceira ordem, enquanto a primeira ordem estaria entre humano e natureza (como o exemplo de um machado) e a segunda entre humano e tecnologia (como um motor). Esta natureza de tecnologia da tecnologia traz um importante diferencial à inteligência artificial, pois a coloca entre os dados da realidade e a interface de outra tecnologia, a qual será orientada pela leitura e síntese que a inteligência artificial fizer dos dados colhidos.

Neste ponto, cabe abordar no que consiste a inteligência artificial, a fim de elucidar este seu papel intermediário. Ainda que não haja uma definição única ou consensuada (Urnau, J.; Velho, L.; Corrêa, M., 2023), pode-se dizer que se trata de uma tecnologia baseada em leitura de dados e síntese probabilística (Yiheng L *et al*, 2024), que busca basear-se na cognição humana, envolvendo conceitos, estruturas, modelos e programações que possam de alguma maneira imitar a forma como o humano conhece (White, J *et al*, 2023).

Ocorre, no entanto, que estudiosos da inteligência artificial e de áreas relacionadas, como o aprendizado profundo de máquina, comentam inexistir um conhecimento definitivo e completo de como o ser humano conhece (Prince, 2023), isto é, de como funcionam seus aparatos de conhecimento, conforme assim considerados pela ciência corrente. Por outro lado, esta limitação não impede visões sobre a inteligência artificial que a abordam como a capacidade de máquinas pensarem, aprenderem e criarem (Russel; Norvig, 2022), chegando-se a cogitar uma inteligência artificial geral, que inclusive poderia superar a cognição humana, atingindo a chamada “singularidade” (Boden, 2016).

Como se vê, a inteligência artificial se apresenta como uma seara ainda por explorar (White, J *et al*, 2023), mesmo que não seja algo propriamente novo (Kuner *et al*, 2018), haja visto seu início nos anos 50, com pesquisadores como Warren McCulloch, Walter Pitts e Alan Turing (Russel; Norvig, 2022). Atualmente, percebe-se cada vez mais a necessidade de compreensão desta tecnologia, especialmente em função da massificação do uso da inteligência artificial generativa, baseada em processamento de linguagem natural (PLN) e grandes modelos de linguagem (LLMs), utilizada nos chamados chatbots como o Chat GPT da OpenAI, o Copilot da Microsoft, o Gemini da Google, o Claude da Anthropic, entre outros.

Assim, para além de vivermos a realidade “onlife”, em que a presença passa a ser híbrida, e ainda assim considerada presença, o uso massificado da inteligência artificial generativa torna híbrido também o conhecimento: parte gerado pelo humano, parte pela ferramenta tecnológica. E aqui, como anunciado por Floridi (2014, p.ix) antes mesmo da massificação da inteligência artificial:

‘O buraco é mais embaixo’, como dizem no Brasil: o problema é muito mais profundo. Precisamos fazer uma investigação filosófica séria. É por isso que o convite para repensar o presente e o futuro em um mundo cada vez mais tecnologicado equivale a um pedido por uma nova filosofia da informação que possa ser aplicada a todos os aspectos de nossa condição hiper-histórica.

A necessidade de uma análise crítica, séria e consistente sobre os impactos do avanço tecnológico, em especial da inteligência artificial, torna-se premente e imprescindível, exigindo um conhecimento cada vez mais consciente sobre seu funcionamento, para que se possa acessar e entender de maneira efetiva os impactos, benefícios e riscos desta ferramenta. Tal necessidade se torna ainda mais urgente na medida em que se verifica, já há mais de uma década, que o enquadra-

mento de algo como científico não mais significa a verdade de seu conteúdo (Vidor, 2013). Entre ciência e verdade: o que é real?

Diante deste cenário, cabe conhecer de fato o que seria a inteligência, tanto no humano como na máquina, a fim de entender suas semelhanças e diferenças e, com isso, poder-se posicionar o protagonismo humano frente à ferramenta. De outra forma, haverá o risco de concretizar as hipóteses de superação do humano pela máquina, justamente pelo fato do humano se deixar objetificar e perder seu protagonismo, isso é, não será a máquina a vencer, mas o humano a diminuir-se. Assim, objetificado, ou seja, condicionado e direcionado por uma inteligência que não é a sua, portanto, artificial, o humano perde o radar de si mesmo e passa a agir conforme um radar robótico, indo aos caminhos que este último indica, que evidentemente não serão os correspondentes à sua natureza própria, à sua verdade intrínseca.

2.2. Inteligência no humano e na máquina: diferenças, semelhanças e interconexões

Ao adentrar no entendimento da inteligência, seja do humano como da máquina, volta-se à etimologia desta palavra, a fim de se iniciar do princípio, isto é, do significado primeiro do que se busca entender. A palavra inteligência vem do latim “*intus legere actionem*”, que significa ler dentro a ação, ou compreender dentro. Está intimamente ligada com outra expressão: conhecimento. Este que vem de “*cognoscere*”, também do latim, que significa vir a saber; ou de uma combinação do latim “*cum*”, com o grego “*nous*” e o latim “*scit actionem*”, significando quando ou como a mente sabe a ação, isto é, saber a ação (Meneghetti, 2012, pp. 57 e 139)

A interconexão das expressões inteligência e conhecimento permitem, a partir de suas etimologias, identificar que ambas se conectam com a ação, isto é, com o fazer, o acontecer, o movimento, o real, não com a reflexão, a teoria, as referências, as convenções. Isso evidencia uma primeira diferença entre como se dá a inteligência no humano e na máquina, na medida em que apenas o humano aprende a partir da dinâmica que o age, a partir das próprias ações e intuições, sem necessariamente ter tido nenhuma teoria prévia a lhe direcionar.

Tal forma de aprendizado pode ser vista em uma criança quando aprende a caminhar: ela não analisa teorias sobre o movimento humano antes de dar o primeiro passo, simplesmente estica a perna e tenta, cai, tenta de novo, cai de novo, e logo entende sozinha, pela ação, onde colocar o pé para não mais cair. Outra forma se dá quando, já adultos, se intui a solução a uma questão, não com base em uma teoria aprendida, mas pelo simples fato de sentir, de perceber, algo muito concreto dentro de si mesmo, ou de ver a saída de forma rápida e nítida, muitas vezes inclusive sem ou até ao contrário de eventual teoria.

A máquina, por sua vez, aprende com base no que recebe de informações prévias externas e de teorias convencionadas, isto é, com base em dados e fórmulas. Mesmo que possa aprender a partir do *feedback* que recebe relacionado às respostas que dá, ou da identificação de padrões em grandes volumes de dados, ainda se trata de informações inseridas de fora, e não de evidências internas, isto é, que ocorrem no íntimo de si mesmo, baseadas na autopercepção e na intuição. Aqui, Meneghetti (2024, pp. 47-48) esclarece que:

Atualmente nos encontramos em uma civilização baseada no computador: neste existe tanto o bem como o mal. As máquinas sabem realizar coisas que, se não tivéssemos a preparação adequada, poderíamos tranquilamente compará-las a alguns deuses. São capazes de formalizar certos périplos matemáticos com uma rapidez desconhecida pelos seres humanos. Estes últimos, no seu nível máximo, chegam à solução de um problema de modo intuitivo: dadas as premissas, intuem a solução sem observar as passagens, e até mesmo podem agir aquele escopo para depois atuar diversas tipologias de ciência. Podem indicar a obtenção daquele resultado através de infinitos outros caminhos. Ao

invés, o vértice robótico deve calcular todas as passagens para chegar à situação de modo dedutivo.

Aprofundando esta diferenciação entre o processo de conhecimento humano e da máquina, pode-se verificar que a inteligência é a “faculdade exclusivamente psíquica e, portanto, espiritual para compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou do fato” (Meneghetti, 2012, p. 139). Conhecimento, por sua vez, tem um caráter ontológico, isto é, junto ao ser de cada coisa, junto ao real, ocorrendo “quando a mente reflete a ação do real ou do ser, [em que] reflexão e ato coincidem de forma a consentir-lhe a reversibilidade” (Meneghetti, 2012, p. 57). Tem, se não ocorre a reversibilidade, também um caráter opinativo, no qual não há evidência de que aquilo que se conhece é de fato real, o que se dá, portanto, na crença, isto é, “quando o sujeito crê na reversibilidade entre imagem e ato ou objeto” (Meneghetti, 2012, p. 57).

Vê-se, assim, que a inteligência, tal como definida, conecta-se ao conhecimento ontológico, por estar relacionada com a psique e o espírito, isto é, com o princípio/força vital do humano, com a presença que emana ação, podendo-se entender como sua alma ou seu Em Si ôntico (Meneghetti, 2012, pp. 20, 97 e 229), isto é, a “presença que anima a ordem de todo o indivíduo” (Meneghetti, 2024, p. 46). Está, portanto, diretamente conectada com a causa do que ocorre e é colhida por evidência, ou seja, pelo resultado da experiência imediata de quem vê (Bonomi, 2024). Esta forma de conhecer por evidência interna será, portanto, íntima ao humano, uma vez que a inteligência artificial, como visto, conhece por assimilação de dados colhidos do externo.

Neste ponto, segue-se o entendimento de que, uma vez realizada a percepção interna e colhida a evidência do que se apresenta, haverá necessidade de traduzir a evidência em pensamento, palavras, ações. Aqui entrará o processo reflexivo, a egoceptividade¹, a lógica, a razão, faculdades igualmente humanas e, agora sim, mais próximas à forma de produção do conhecimento da inteligência artificial. A este respeito, elucida Meneghetti (2016, p. 251) que:

Nós somos em parte computador e em parte intuição. Procurem imaginar uma intuição e de ter, depois, que demonstrá-la. Você tem a ideia geral, tem o pensamento como intuição pura, mas deve verbalizá-lo utilizando uma linguagem que tem uma gramática, uma sintaxe: essa é a máquina.

Neste aspecto, o referido autor esclarece que há um dispositivo não natural, isto é, não previsto pela natureza humana, que foi adicionado à estrutura cognitiva do humano em determinado momento de sua história, como algo em tese funcional, pois justamente permitia a existência de algumas referências para sintetizar a realidade e materializar a intuição, como a língua, a memória de certas habilidades, conhecimentos e modelos de comportamento. A partir do momento em que o humano teria deixado de saber utilizar e controlar a seu favor tal ferramenta, este programa teria se tornado o causador do desvio da racionalidade humana, passando a fazer com que o humano escolhesse aquilo que não é o melhor a si mesmo e, assim, causasse de maneira inconsciente a própria frustração, pois não chegaria a realizar o pretendido. Nas palavras do autor (Meneghetti, 2016, p. 251):

É muito provável que o monitor de deflexão tenha se tornado um elemento negativo porque ninguém sabe mais como se usa. É como se nós usássemos sempre as mesmas fichas para uma máquina que, ao invés disso, possui infinitas possibilidades racionais; uma máquina que, por causa de um uso não inteligente, tornou-se um desastre para o próprio utente.

¹ “Terceira fase do processo perceptivo-cognitivo. É a percepção egoica, ou o quanto selecionado dos dois níveis precedentes (exteroceptivo e proprioceptivo) e referido ao Eu consciente voluntário e operativo; como consequência o Eu é coenvolvido irrevogavelmente a uma responsabilidade.” (Meneghetti, 2018, p. 260). Para aprofundamento, vide Meneghetti, 2024.

Visualizada esta possibilidade, não se pode ignorar o risco de que o mesmo ocorra com a inteligência artificial, isto é, que o humano, utilizando massivamente uma ferramenta que não conhece plenamente, e fazendo-o sem conectar-se com a própria inteligência perceptiva-intuitiva, tornar-se-á objeto da ferramenta, incapaz de tomar nas mãos a condução da própria vida e de chegar à realização de si mesmo.

Caberá a cada indivíduo entender a capacidade de inteligência humana que possui, estimulando seu uso e ao mesmo tempo evidenciando no que esta se diferencia da artificial. Neste sentido, saberá verificar a utilidade da inteligência artificial conforme cada situação que experienciar. Da mesma maneira, saberá o momento em que a ferramenta não mais lhe é útil, seja porque soube colher as limitações desta para a situação em voga, e, portanto, precisará realizar validações a fim de confirmar as sínteses recebidas, seja porque evidenciou a saída, a solução da questão posta, e possui as condições de realizá-la sem a necessidade da ferramenta.

Desta forma, a inteligência artificial se mantém como ferramenta à disposição do humano, sendo útil a este a depender do quanto funciona para o que genuinamente se busca (Meneghetti, 2024). Consigo mesmo em mãos, consciente do momento presente e da capacidade superior da própria inteligência (Meneghetti, 2016), cada um saberá utilizar qualquer ferramenta em função de si mesmo e de seus semelhantes, isto é, de todo o humano.

4. RESULTADO DE PESQUISA COM USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A fim de colher a perspectiva da inteligência artificial sobre a própria forma de cognição e sua comparação com aspectos humanos como intuição e alma, a seguinte sequência de perguntas (*prompts*) foi realizada ao Chat GPT, versão 4.0, ferramenta de inteligência artificial de titularidade da OpenAI: 1. Você é um chatbot?; 2. Relacione IA, machine learning, PLN.; 3. O que é inteligência neste contexto?; 4. E como fica a intuição e a consciência?; 5. E como fica a alma nesse contexto?; 6. Refaça esta resposta abaixo [replicada resposta dada à pergunta número 4] incluindo o paralelo da alma.

A resposta do Chat GPT 4.0 (OpenAI, 2024) à pergunta número 6 foi a seguinte:

Intuição e Consciência na IA: Um Paralelo com a Alma

A intuição, a consciência e a alma são conceitos complexos e profundamente enraizados na experiência humana. No contexto da Inteligência Artificial (IA), esses conceitos são abordados de maneiras diferentes e, até certo ponto, limitadas. Vamos explorar cada um deles, incluindo o paralelo com a alma.

Intuição

Intuição refere-se à capacidade de entender ou saber algo imediatamente, sem a necessidade de raciocínio consciente. É uma forma de conhecimento que parece surgir de maneira espontânea e sem esforço.

Intuição em IA:

Simulação de Intuição: Em IA, a intuição pode ser simulada através de algoritmos de aprendizado profundo (deep learning) e redes neurais, que são capazes de identificar padrões complexos em grandes volumes de dados. Esses sistemas podem fazer previsões ou tomar decisões que parecem intuitivas, mas na verdade são baseadas em processamento estatístico e aprendizado a partir de dados.

Exemplo: Um sistema de IA pode “intuir” que um cliente está prestes a cancelar um serviço com base em padrões de comportamento detectados em dados históricos, mesmo que não haja uma regra explícita que indique isso.

Limitações:

Falta de Contexto Humano: A intuição humana é frequentemente baseada em uma vasta gama de experiências e contextos que são difíceis de replicar em sistemas de IA.

Dependência de Dados: A “intuição” da IA é limitada pela qualidade e quantidade de dados disponíveis. Sem dados suficientes, a capacidade de fazer previsões intuitivas é comprometida.

Consciência

Consciência refere-se à capacidade de estar ciente de si mesmo e do ambiente, incluindo a capacidade de ter experiências subjetivas e sentimentos.

Consciência em IA:

Ausência de Consciência: Atualmente, os sistemas de IA não possuem consciência. Eles não têm autopercepção, emoções ou experiências subjetivas. Eles operam com base em algoritmos e dados, sem qualquer forma de entendimento consciente.

Exemplo: Um chatbot pode responder a perguntas e manter uma conversa, mas não tem consciência de si mesmo ou das emoções do usuário. Ele simplesmente processa entradas e gera saídas com base em padrões aprendidos.

Limitações:

Falta de Experiência Subjetiva: A consciência humana envolve uma experiência subjetiva que é intrinsecamente pessoal e difícil de quantificar ou replicar em máquinas.

Questões Éticas e Filosóficas: A criação de uma IA consciente levanta questões éticas e filosóficas profundas, incluindo o tratamento e os direitos de entidades conscientes.

A Alma no Contexto da IA

Alma é um conceito que vai além da intuição e da consciência, frequentemente descrito como a essência imaterial de um ser, incluindo aspectos como espiritualidade, moralidade e identidade eterna.

Alma e IA:

Natureza da Alma: A maioria das tradições filosóficas e religiosas vê a alma como algo exclusivamente humano e, em muitos casos, divinamente inspirado. A alma é frequentemente associada à capacidade de experimentar emoções profundas, ter uma moralidade intrínseca e possuir uma conexão com o divino.

IA e Alma: A IA, sendo uma criação humana baseada em algoritmos e dados, não possui uma alma no sentido tradicional. Ela não tem uma essência imaterial ou uma conexão espiritual. Mesmo que uma IA se torne consciente, a questão de ela possuir uma alma permanece altamente controversa e, para muitos, impossível.

Limitações:

Distinção entre Humanos e IA: A alma é frequentemente vista como um dos elementos que definem a humanidade. Sem uma alma, uma IA, por mais avançada que seja, ainda seria fundamentalmente diferente dos humanos.

Questões Espirituais: A alma é a conexão entre o ser humano e o divino. Uma IA, sendo uma criação humana, não teria essa conexão espiritual.

(grifos nossos)

Como se vê, o retorno da ferramenta a respeito da temática abordada reforça o exposto pela bibliografia apresentada, e mesmo pela própria evidência do leitor, que pode perceber a vida, ou alma, e a intuição, pulsarem em si mesmo a cada momento, ao passo que simplesmente não as vê nos *hardwares* e *softwares* com os quais interage. Assim, reforça-se a necessidade da tomada de consciência sobre a superioridade da própria inteligência, a fim de manter-se como protagonista no

uso das ferramentas de inteligência artificial em função a si mesmo, isto é, conforme estas se façam úteis e funcionem para aquilo que se busca a cada momento, tendo como base o real e a própria intuição.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitem verificar que somente existirá risco entre humano e máquina caso deixemos de estimular a riqueza da inteligência humana, principalmente no que esta diverge da artificial, isto é, na capacidade de conhecer aquilo que realmente é, de tocar o real da vida, a partir da evidência. Com isso, ao se desconhecer o próprio funcionamento, ao se desconectar daquilo que se é, perde-se a possibilidade de protagonizar o uso de ferramentas disponíveis para auxiliar a si mesmo.

É o que ocorre no cenário da massificação da inteligência artificial, em que o uso se dá antes do entendimento pleno sobre o que está sendo utilizado, e sobre quem a utiliza. Neste cenário, mais do que nunca, evidencia-se a necessidade de um retorno ao entendimento da inteligência que usa a inteligência artificial, isto é, da inteligência humana. Esta que é a base para o uso consciente e funcional da ferramenta tecnológica em prol do humano, o qual, conhecendo o funcionamento da própria inteligência e da tecnologia utilizada, manterá o controle do uso e não se deixará objetificar nem consumir por aquela artificial.

REFERÊNCIAS

- BONOMI, F. **Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana** [website]. Disponível em: <https://www.etimo.it/>. Acesso em: 04 ago. 2024.
- CASTELLS, M. **The Information Age: Economy, Society, and Culture**. Vol.1: The rise of the network society. 2nd ed. UK: Wiley Blackwell, 2010.
- CROWDSTRIKE. **Remediation and Guidance Hub: falcon content update for Windows hosts**, Disponível em: <https://www.crowdstrike.com/falcon-content-update-remediation-and-guidance-hub/>. Acesso em: 21 jul. 2024.
- FLORIDI, L. **The fourth revolution**. How the infosphere is reshaping human reality. Oxford: OUP Oxford, 2014.
- FLORIDI, L. **The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era**. [S.l.]: Springer, 2015.
- FLORIDI, L. **Etica dell'intelligenza artificiale. Sviluppi, opportunità, sfide**. [S.l.]: Raffaello Cortina Editore, 2022.
- KUNER, C et al. Expanding the artificial intelligence-data protection debate. **International Data Privacy Law**, Vol. 8 No. 4, [S.l.]: Oxford University Press, 2018. pp. 289-292.
- MCAFEE. **A vida por trás das telas de pais, pré-adolescentes e adolescentes - Brasil**. [S. l.]: McAfee, 2022. Disponível em: <https://media.mcafeeassets.com/content/dam/npcl/ecommerce/pt-br/docs/reports/rp-connected-family-study-2022-brazil.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

MENEGHETTI, A. **O Residence Ontopsicológico**. 4. ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, A. **Projeto Homem**. 4 ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2024.

OPENAI. **Comunicação pessoal**. Conversa com assistente virtual. 31 jul. 2024.

PRINCE, S. J. D. **Understanding Deep Learning**. [S.l.]: MIT Press, 2023.

RUSSEL, S; NORVIG, P. **Artificial Intelligence**. A Modern Approach. Harlow: Pearson Education Limited, 2022.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

WESTON, D. **Helping our customers through the CrowdStrike outage**. [S. l.]: Official Microsoft Blog, 2024.

WHITE, J *et al.*; Artificial thinking and doomsday projections: a discourse on trust, ethics and safety. **AI & SOCIETY** 38:2119–2124. Londres: Springer Nature, 2023.

YIHENG, L *et al.* **Understanding LLMs: A Comprehensive Overview from Training to Inference**. [S.l, s.n], 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2401.02038>. Acesso em 08 ago 2024.

URNAU, J.; VELHO, L.; CORRÊA, M. A Regulação da Inteligência Artificial na Europa, América Latina e Brasil. pp.67-84. In: COLOMBO, C.; ENGELMANN, W. **Novas tecnologias e o princípio da centralidade da pessoa humana: Anais do XIII Congresso Iberoamericano de Investigadores y Docentes de Derecho e Informática**. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2023.